



Andrea Rossati
Gestora Pública LGBTT

Uma mulher feita de personagens que expressam, acima de tudo, a feminilidade contida na alma

Ficha Técnica

Equipe de Produção:
Ed Borges
Murilo Viana

Entrevistadores:
Alissa Carvalho
Beatriz Ribeiro
Camila Mont'Alverne
Ed Borges
Larissa Sousa
Marcella Macena
Marcello Soares
Murilo Viana
Thais Brito
Thamires Oliveira

Fotografia:
Tamara Lopes

Texto de abertura:
Ed Borges

À cabeceira das três mesas amalgamadas em uma única tábula, senta-se Andrea Rossati, vestida de forma elegante. A blusa de seda dança no ar, à medida que acompanha o movimento firme dos pés em cima de saltos altos. A conversa flui com a descontração que lhe é típica da personalidade. Lentamente, as cortinas de uma alma feminina vão se descerrando, mesmo que não por completo. Os lábios cautelosos perseguem a palavra certa, e os olhos travessos parecem nos indagar: "Afinal, que graça tem a vida se não houver o mistério das reticências?"

Por entre as frestas que os panos não cobrem, vislumbra-se a guerreira existente no seio de todas as pessoas que vivenciam a transexualidade. Em Andrea, o espírito de transformação social não se circunscreve apenas à luta particular contra o preconceito. Para ela, era preciso efervescer as instituições políticas. Era preciso chegar ao campo público, ao Executivo ou ao Legislativo, para defender os direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT). E assim o fez. Se ainda não pôde realizar o sonho de ser vereadora ou deputada, ao menos pode se orgulhar de ser a primeira mulher transexual na gestão pública do Ceará.

Enquanto encadeia discursos marcados pela pronúncia clara dos erres, o brinco insiste em cair. Em movimentos felinos, rápidos, porém suaves, recoloca-o delicadamente, mesmo com o peso que lhe traz à orelha. A explicação para a persistência está na trajetória de autoafirmação como mulher. O medo de ser tragada ao abismo por comentários de rejeição nunca foi maior do que a vontade de se sentir como uma deusa, a mesma da música de Rosana que cantava tanto na frente do espelho.

O espelho. Um portal tão encantado quanto o de histórias de princesas. Como uma curiosa Alice que atravessa o espelho em busca de aventuras, Andrea mergulhava profundamente no mundo mágico da reflexão à

procura do próprio eu. Nele, a toalha na cabeça adquiria ares de madeixas em diversos penteados. A blusa grande da mãe se transfigurava em longo vestido. Os tamancos da avó se materializavam em mules vermelhos de sedução. O menino se metamorfoseava em uma menina, que podia caminhar livre no Mundo dos Espelhos. Mas, no mundo real, essa estrada de tijolos amarelos nem sempre a levou a um colorido universo de Oz.

Nos episódios mais pontiagudos da batalha pela aceitação, enfrentou o preconceito nos ambientes de trabalho. São nesses momentos que Andrea retorna às lembranças da infância. Busca inspiração no ímpeto de Tempestade ou na docilidade de Sheila, super-heroínas de séries animadas que via pela televisão em Palmácia, cidade do interior cearense onde cresceu. Lá, viveu como se fosse uma verdadeira Tieta na pequena Sant'Ana do Agreste, surpreendendo os habitantes com costumes "modernos".

Longe da ficção, encontrou na realidade do convívio familiar aquele que seria o maior ídolo: a mãe, dona Angelita. Foi com o exemplo materno que a filha aprendeu a pensar na coletividade e a ter forças para marchar contra as discriminações. Decidiu, então, que era imperativo se desvencilhar das amarras e conquistar a própria independência.

O convite para morar junto à irmã na Itália surgiu como um passe livre para mudança. Em terras dantescas, a boca experimentou o gosto provocante da liberdade. O cabelo cresceu, e as roupas femininas tomaram conta do guarda-roupa. Flor em meio aos espinhos, Andrea enfim desabrochou, nunca mais ficando restrita aos enquadramentos do espelho. Ganhou definitivamente as ruas e resolveu voltar ao aconchego caloroso da terra-natal. Antes, fez-se uma promessa que a guiaria no resto da vida e que não descumpriu jamais: ser feliz como a mulher que sempre existiu dentro de si.



Entrevista com Andrea Rossati, dia 5 de fevereiro de 2013.

Murilo – Andrea, durante a sua trajetória, seja no âmbito pessoal ou no âmbito do trabalho, você sofreu preconceito devido à transexualidade. Como é que você percebeu que toda a sua experiência de vida poderia contribuir para a luta coletiva do movimento LGBTT (*Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais*)?

Andrea – Como eu gosto muito de falar, eu tive de muito cedo ter uma armadura *pra* eu me policiar de certos preconceitos, de certas discriminações. O preconceito para com um gay e uma lésbica é forte, mas para com uma travesti e uma transexual é muito mais forte. Porque nós carregamos no corpo, no coração, na alma e somos 24 horas a quebra de paradigmas. Eu acho que isso, para uma travesti ou uma transexual, ainda é muito difícil. Hoje, se nós virmos a realidade nua e crua do preconceito, das vulnerabilidades sociais e da exclusão pelas quais as pessoas LGBTT passam, nós, travestis e transexuais, carregamos o maior número de (*casos*) preconceito e de discriminação. Eu acho que todo o meu empenho, a minha garra, o meu esforço, a minha vontade de lutar contra esses preconceitos e essa discriminação vieram a contribuir muito para o movimento LGBTT. O movimento precisa de pessoas fervorosas, de pessoas aguerridas para lutar. Ninguém manda um soldado *pra* uma guerra se ele não tiver toda aquela força, todo aquele entusiasmo, toda aquela vontade de ser vitorioso e de trazer êxito para aquilo que ele defende.

Pra mim, quando você pergunta como a questão do preconceito que eu já sofri e sofro contribui para o movimento, eu acho que contribui e muito. Porque os preconceitos pelos quais eu já passei e passo, as vulnerabilidades que eu já sofri e sofro, eu acho que tudo isso foi me moldando de uma forma a eu puder ser essa guerreira tão... Que muitas vezes tira forças nem eu sei de onde *pra* lutar contra o preconceito e contra as discriminações, não só pelos que eu passo, mas também pelos quais a população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais passa.

Camila – Andrea, você falou (*na pré-en-*

trevista) que prefere lutar pelo movimento LGBTT no âmbito governamental e não no movimento social. Por que essa opção?

Andrea – Na realidade, eu não vejo como opção. Eu acho que não é opção, eu acho que é uma vocação, *né?* Eu me sinto uma mulher muito política. Eu carrego muito essa questão política nas veias. Quando eu falo de carregar a questão política nas veias não é a questão das cores partidárias, de estar em partido A, B ou C. Não, não é isso. É a questão política de se preocupar com o outro, do desejo de mudança, do desejo de revolução mesmo, de lutar para conquistar aqueles ideais tão sonhados pela coletividade. Eu não estou na gestão por uma opção, mas por uma forma de, até mesmo, me desenvolver, me articular (*dá ênfase a cada sílaba*) melhor no âmbito do Executivo ou no âmbito do Legislativo – como eu já fui assessora legislativa (*da então deputada estadual Íris Tavares, entre o final de 2005 e o começo de 2007*) eu já carrego comigo esse outro lado do movimento, de poder ter a desenvoltura de me articular muito bem com o Executivo, com o Legislativo, com os poderes municipais, com os poderes estaduais, tentando minimizar esses preconceitos, essas dores do movimento LGBTT. Eu não vejo isso como opção, mas eu vejo como uma vocação, como um dom, *né?* Como um dom. Porque, se você for hoje analisar, as pessoas (*defensoras dos direitos LGBTT*) que estão ligadas às câmaras municipais, às assembleias legislativas, ao Governo Federal são pouquíssimas ainda. São muito poucas pessoas que ocupam esses espaços, que sabem ocupar. Porque também não é só estar lá, não é só ocupar o lugar. Você tem de ter toda uma desenvoltura, toda uma articulação, *pra* você poder responder aos anseios do movimento no qual você está.

Ed – Mas você já teve alguma participação no movimento social fora dos órgãos governamentais?

Andrea – Olha, bem no início, *né?* Bem no início. Eu, hoje, estou nos órgãos governamentais, mas eu já fui... Aliás, eu não fui, eu sou uma militante de Direitos Humanos. Não é porque eu estou como uma gestora à

O nome de Andrea Rossati para a entrevista surgiu por indicação de Ed, que já a havia entrevistado em 2011, junto a Kelviane Lima e Tamara Lopes, para a reportagem da disciplina de Jornalismo Impresso I, então ministrada por Agostinho Gósson.

Ed conheceu Andrea em 2011, durante o *For Rainbow*, Festival de Cinema e Cultura da Diversidade Sexual, realizado anualmente na Casa Amarela Eusélio Oliveira da UFC.

Na época, Andrea era a titular da Coordenadoria Estadual de Políticas Públicas LGBTT e foi bastante simpática ao aceitar a entrevista.

frente do executivo municipal (*desde janeiro de 2013, na Coordenadoria de Diversidade Sexual da Secretaria de Direitos Humanos da Prefeitura de Fortaleza*), à frente de órgãos públicos que eu deixo de ser uma militante. Não, eu sou uma militante de Direitos Humanos, sim (*ênfatiza*). Porque eu enfrento preconceito no âmbito estadual e municipal, porque eu enfrento preconceito no Legislativo, seja federal, estadual, municipal, mas é a força de toda essa militância, de todo esse amor pelo movimento, que me faz cada vez mais conseguir alcançar passos que podem, hoje ou amanhã, refletir em bons frutos *pro* movimento LGBTT. Eu sempre fui e nunca deixarei de ser uma militante de Direitos Humanos da população LGBTT. Não posso hoje falar em nome do movimento – isso eu sei muito bem separar –, mas eu tenho a plena compreensão de que vim dele. Não esqueço as minhas raízes, jamais esquecerei, e acredito que hoje estou onde estou pela minha militância política dentro do movimento social LGBTT.

Marcello – Em que momento você percebeu, ali nos movimentos sociais, que você tinha vocação para o âmbito político, governamental?

Andrea – Eu percebia que dentro do movimento a gente tinha muitas pessoas na liderança dos ativistas de Direitos Humanos LGBTT... E esse é o papel do movimento: de reivindicar, de afirmar seus direitos, de ir *pra* frente e de exigir mesmo. Mas eu sentia muita falta de ter pessoas do movimento ao lado daquelas pessoas que têm o poder de decisão. Não dá *pra* você só reivindicar, não dá *pra* você só brigar por alguma demanda se você não dialogar, de fato e de direito, com aquelas pessoas que têm o poder de decidir, para criar leis, para baixar decretos, para enviar mensagem para as câmaras municipais. Eu sentia essa ausência. Uma coisa é a gente ir às câmaras municipais, às assembleias legislativas, reivindicar, fazer passeatas. É

“Não é porque eu estou como uma gestora à frente do executivo municipal (...), à frente de órgãos públicos, que eu deixo de ser uma militante”

Na mesma tarde em que Andrea foi selecionada para ser uma das entrevistadas da Revista Entrevista, Ed decidiu ligar para a Coordenadoria. Não deu sorte: ela havia acabado de sair e o expediente estava terminando.

importante? Isso é importantíssimo! (*repete a frase duas vezes para dar ênfase*). Mas é necessário também que aqueles vereadores, aquelas vereadoras, aqueles deputados, aquelas deputadas tenham conhecimento (*ênfatiza*) do que se está demandando, do que é a vivência do movimento, de qual é diferença entre uma travesti e uma transexual (*transexuais não se reconhecem no seu corpo biológico e sentem a necessidade de fazer a mudança genital através de tratamento e cirurgia, enquanto travestis apresentam a identidade de gênero oposta ao sexo designado no nascimento, mas não almejam se submeter à cirurgia*). De qual é a necessidade na área da política pública de saúde para uma travesti e uma transexual. É necessário que, nas unidades de saúde, os enfermeiros e os médicos saibam que o tratamento de uma travesti é diferente de um tratamento de uma mulher transexual. Como que isso vai se concretizar de fato? Quando o gestor municipal, quando os gestores estaduais de saúde entenderem isso. Como é que eles vão entender isso? Muitas vezes, por reivindicação ou, até mesmo, sugestão de uma lei municipal por um vereador ou de uma lei estadual por uma deputada.

Então, eu senti essa necessidade (*de trabalhar em órgãos governamentais*). O movimento LGBTT precisava estar no parlamento, nas câmaras municipais, no Governo Estadual. Quando eu falo isso não é a questão de estar como deputada ou como vereadora, não, mas é porque (*o movimento*) precisava de uma pessoa que levasse esses anseios, esses desejos, essas demandas, essas dificuldades (*ênfatiza*) para o conhecimento das autoridades. É aí que eu acho que a Andrea Rossati entra. E eu acho que a minha história de vida veio mais ainda se fortalecer como (*militante do*) movimento LGBTT a partir do momento em que eu consegui adentrar as casas legislativas, da forma como eu consegui sensibilizar (*ênfatiza*) os gestores estaduais. Não é à toa, minha gente, que eu sou a primeira gestora (*pública*) transexual do País. Eu sou a primeira (*ênfatiza*) coordenadora estadual de política pública LGBTT (*no Ceará*). Nunca na história do Ceará nenhum governador tinha criado uma política específica para a promoção da cidadania de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

Hoje, nós temos a Resolução N° 437/2012 do Conselho Estadual de Educação (*CEE*), que garante o uso do nome social adotado por travestis e transexuais na escola. Isso não é fácil de ser aprovado! Isso não é da noite *pro* dia! Eu precisei conversar com cada conselheiro estadual no pé do ouvido! (*para articular a aprovação, Andrea conver-*

sou com parte dos conselheiros) “Olha, é necessário aprovar, é necessário votar...” (*simula a própria conversa com os conselheiros*). Para se aprovar um projeto de lei você tem de convencer 46 deputados e deputadas estaduais, e não é fácil! Não é só mandar uma lei e pronto... Não é, gente! Não é assim! Porque você precisa embasar, você precisa justificar, você precisa ter substância naquilo que você está defendendo. E aí eu acho que esse é o meu papel como articuladora nos âmbitos legislativo, executivo, municipal e estadual do movimento LGBTT. Eu acho que é dessa forma que eu venho contribuindo para a população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais do Estado do Ceará. Eu sei que ainda é pouco, eu sei que é muito pouco, mas eu entendo que não é com quatro ou com dois anos de gestão que a gente vai conseguir contornar toda essa invisibilidade (*fala sílaba por sílaba*) que ainda tem hoje o movimento LGBTT, em relação às suas demandas, em relação às suas perspectivas de políticas públicas.

Ed – Andrea, a gente queria primeiro entender como é que você entrou nesse âmbito (*da gestão pública*). O seu primeiro emprego, quando você voltou da Itália (*Andrea foi morar na Itália aos 18 anos e passou lá cerca de dois anos*) foi na Fundação Cepema (*Fundação Cultural Educacional Popular em Defesa do Meio Ambiente*) a convite do Adalberto Alencar (*o presidente da Fundação na época*) para você ser a secretária dele. Por que você resolveu aceitar esse emprego numa fundação que era não-governamental?

Andrea – A vida para travestis e transexuais é, muitas vezes, muito dolorosa, muito sofrida, principalmente quando se trata de oportunidades de emprego. E foi justamente por essas participações na política (*refere-se a participações que ela teve em movimentos sociais ligados ao meio ambiente e à cultura*) que eu conheci o Adalberto Alencar, o meu primeiro chefe, presidente da Fundação Cepema. Inclusive, ele foi o secretário do Meio Ambiente da gestão passada (*Adalberto tomou posse da Secretaria de Meio Ambiente e Controle Urbano da Prefeitura de Fortaleza em 2012, durante a gestão Luizianne Lins*) e nós nos conhecemos em campanhas políticas do partido a que eu era filiada. Nós nos tornamos colegas e nesse período que eu tinha voltado (*da Itália*) eu *tava* procurando emprego. A demanda, o objetivo da Fundação Cepema era trabalhar com a questão do meio ambiente, mas também com as questões de vulnerabilidades sociais da população de rua, da criança e do adolescente, e (*a Fundação*) não tinha experiência nessa área voltada para a população de homossexuais

“O preconceito para com um gay e uma lésbica é forte, mas para com uma travesti e uma transexual é muito mais forte.”

de Fortaleza. E foi um convite que ele me fez naquele momento, não necessariamente foi para trabalhar a questão da sexualidade, não. Foi *pra* ser secretária executiva da Fundação Cepema, secretária dele (*Adalberto Alencar*). Foi um impacto enorme porque eu cheguei na Fundação, e ele disse (*para os funcionários*): “Olha, a partir de hoje, essa aqui é a minha secretária, a Andrea, que vai trabalhar aqui com a gente”, e todo mundo ficou espantado. (*Eles devem ter pensado:*) “Como era que o presidente de uma fundação tinha lá uma travesti, uma transexual, um gay” – bom, não sei como era que as pessoas pensavam, né? (*Andrea considera-se transexual*) – “ali, sendo uma secretária executiva, dando ordens, atendendo telefone, encaminhando ações, encaminhando demandas do próprio presidente da fundação?” Então, foi uma coisa muito efervescente. Mas eu sou uma mulher muito efervescente, mesmo (*risos*). E eu consegui contornar a situação e a gente fez um trabalho bacana, um trabalho muito bom.

Durei muito pouco tempo lá, porque foi quando eu conheci a minha grande amiga, uma pessoa por quem eu tenho maior respeito, uma grande admiração, a ex-deputada (*estadual*) Íris Tavares. Conheci a deputada Íris lá na Fundação Cepema. Nós nos tornamos colegas, amigas, e a deputada me fez o convite para eu ser uma das assessoras parlamentares dela na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, mais especificamente trabalhando junto à Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa, como uma das secretárias, pelo motivo de que as questões LGBTT estavam muito ligadas à Comissão de Direitos Humanos.

Murilo – Andrea, eu queria que você falasse um pouco melhor (*sobre*) como é que se desenvolveu esse seu trabalho na Assembleia Legislativa.

Andrea – A primeira coisa que eu fiz no início foi desconstruir os preconceitos e as discriminações, que foram muito fortes, né? Foram muito fortes. Eu me lembro que na

Nas semanas que se sucederam, não houve mais contato com Andrea, apenas a certeza de que participaria. O recesso de fim de ano complicou a situação. Laércio recomendou que na primeira semana de janeiro fizessemos nova tentativa.

Já nas semanas iniciais de 2013, a equipe tentou várias vezes manter contato com Laércio. Até que um dia, ao conseguir, ele disse que seria difícil fazer uma pré-entrevista com Andrea naquele período.

Coincidência ou não, horas depois, Ed a encontrou novamente na Casa Amarela, durante mais um *For Rainbow*. De início, Andrea não o reconheceu, mas logo depois se recordou da entrevista que havia dado um ano antes.



primeira vez que eu entrei na Assembleia Legislativa... *vixe!* Eu não sei nem se eu posso falar isso. Mas eu já falei, vou falar, *né?* (*risos*). Foi verdade, não tô mentindo... Um guarda me perguntou *pra* onde era que eu ia. Eu disse que eu ia *pro* gabinete da deputada Íris, que eu era assessora, ele disse que eu não ia poder entrar. "Sim, mas eu vou trabalhar aqui! Eu vou ser assessora da deputada!" (*reproduz a conversa que teve com o guarda na época*). Eu não sei se ele entendeu... E aconteceu uma coisa que eu não quero colocar (*aqui*), porque eu passei por um constrangimento muito, muito chato. Mas – nunca vou me esquecer dessa cena – eu liguei *pra* deputada (*Íris Tavares*), ela veio, falou com ele, e ele disse: "Não, é porque essa pessoa..." A deputada (*disse*): "Ah, ela está aqui, *né?* Então, *tá*. Então, eu quero só lhe dizer que ela (*ênfatiza*) é minha assessora e a partir de hoje você passe a se acostumar, porque todos os dias você vai ver a cara dele ou dela – como você quiser entender – aqui. Hoje ela é uma (*ênfatiza*) assessora do meu mandato. A partir de hoje, ela é minha assessora."

E eu acho que estava desabrochando mesmo a Andrea no sentido de o cabelo estar um pouco parecido com o da Cláudia Raia, da Cristiane Torloni (*atrizes da Rede Globo de Televisão*), *aloka* (*gíria difundida entre a população LGBT, oriunda do termo "a louca", que é utilizada quando alguém faz ou fala algo extravagante*), *né* (*risos*)? As pessoas comentavam muito: "Nossa, como é que pode? A deputada tem um assessor que usa calça de linho preto e um mule vermelho (*tipo de calçado feminino de salto que congrega características de outros modelos, como tamanco e scarpin*)? Uma assessora que usa salto alto e gravata?" Eu também... Quero dizer (*fala com tom de riso*) que eu usei um pouco mesmo *pra* mexer com a cabeça do povo. Eu queria deixar aquele povo um pouco aperreado mesmo (*risos*). As meninas diziam (*refere-se às colegas de trabalho*): "Mulher, não dá certo esse negó-

cio de tu usar essa gravata com essas calças acochadas e com salto. Eu dizia: "Mulher, mas é a gravata do arco-íris. É só *pra* chamar atenção". Então, era assim que eu usava (*as roupas*). Era *pra* tentar fazer com que as pessoas compreendessem que era necessário conviver com a diversidade, que era necessário respeitar a diferença. Essa era a forma que eu encontrava. Às vezes – eu me lembro muito – que eu descia para o plenário, o meu cabelo já estava grande, eu usava uma tiarazinha prata, e o deputado – não vou citar o nome – dizia: "Olha ali, a assessora, o assessor da deputada Íris" – porque eles veem a gente como mulher, mas fazem questão de dizer que a gente é "ele", *né?* *Uó* (*gíria LGBT para se referir a algo ruim*) – "tá lá, com a tiarazinha", aquela coisa toda (*dá uma pausa e suspira*).

Um dia, tinha uma grande sessão no plenário da Assembleia Legislativa – eu nunca vou esquecer esse dia também –, eu descii (*para o plenário*) era uma sessão que se estendeu até às 20 horas. Era uma das votações muito importantes, essas votações que levam pessoas (*da sociedade civil*) para as alas das assembleias, que tratava de reivindicação de plano de cargos e carreiras, aquela coisa toda e, nesse dia, era uma decisão (*que estava sendo votada*) lá sobre alguma coisa voltada para a juventude. Tinham muitos conhecidos meus, muitos colegas meus que estavam lá – e juventude é uma coisa muito efervescente também. Quando eu entrei no plenário, eles começaram (*a cantar em coro*): "Andrea Rossati, adoramos sua chapinha! Andrea Rossati, adoramos sua chapinha! (*técnica comum de alisamento dos fios do cabelo*)" (*risos*). Eu disse: "Meu Deus do céu!". E a deputada (*Íris Tavares*) olhou e começou a achar graça. Todos os deputados olharam... Menina, eu fiquei morta de vergonha! Eu disse: "Deputada, me leva daqui agora" (*fala em tom de riso*)! Ela (*disse*): "Vixe, o pessoal adorou a tua chapinha!" (*risos*). Porque eu andava com o cabelo todo lambido, todo arrumadinho. Então, foi assim que

Ed a explicou o conceito da Revista Entrevista e a mostrou alguns exemplares. Ao fazer o convite, ela aceitou prontamente e pediu que os detalhes fossem acertados com Lâercio Teixeira, assessor dela na época.

a gente foi conseguindo quebrar os paradigmas dentro da Assembleia Legislativa.

Thais – Andrea, em relação ao seu trabalho, como era que você notava a resistência quando você já estava na defesa dos direitos LGBTT, ainda na Assembleia?

Andrea – Olha, gente, é muito forte, sabe? É muito forte essa questão do preconceito, da discriminação a pessoas LGBTT, é muito desumano ainda. Vocês não queiram imaginar o que eu escutava de alguns parlamentares – de alguns, não de todos (*com ênfase*) –, de alguns deputados estaduais quando se referiam à população LGBTT, quando se referiam a mim. E é por isso que... Eu volto à pergunta que vocês me perguntaram, que eu não lembro quem foi que perguntou, que disse assim: “Andrea, em que ponto você acha que o seu trabalho dentro do Legislativo ou dentro do Executivo contribui para o movimento LGBTT?”. Eu começo a responder: quantas e quantas vezes a Andrea não teve de ir *pra* dentro de um banheiro chorando porque escutou de um deputado A ou de uma deputada C: “Eu tenho nojo de vocês. Eu não entendo, vocês são uns doentes”. E você não poder responder na ponta da língua? Ou porque um servidor de uma certa instituição, quando você pegou num grampeador, disse: “Eu não vou pegar, porque ela pegou no grampeador, pode eu pegar alguma doença”? Ou você sentar numa cadeira e outro assessor de outra deputada, na época, não sentar, porque a transexual tinha acabado de sentar na cadeira?

Às vezes, as pessoas do movimento (LGBTT) não pensam no que a gente passa, no que a gente sofre, muitas vezes (*ênfasis*), *pra* costurar, articular a aprovação de projetos de leis que venham beneficiar o movimento. Muitas vezes o movimento não sabe, voltando à questão da Resolução (437/2012, do Conselho Estadual de Educação, que garante o uso do nome social adotado por travestis e transexuais na escola), em quantas casas de conselheiros do Conselho Estadual de Educação eu tive de bater, de procurar, quantas portas na cara eu levei, (*fala ao mesmo tempo em que bate na mesa repetidas vezes*), porque tinha conselheiro que não queria me escutar. Muitas vezes, por parte de algumas pessoas, a gente sofre homofobia institucional. Às vezes, as pessoas não sabem que a gente vai dormir de manhã preocupada porque o som para aquele evento ainda não tá pronto, e a gente quer dar o melhor, entendeu?

Muitas vezes, você tem de pedir ajuda a outros deputados, a outras deputadas para que possa aprovar uma resolução. Gente, eu me lembro de uma vez quando eu preparei

uma minuta (*texto*) de votos de congratulações, há muitos anos atrás, *pro* Lamce, movimento Liberdade do Amor entre Mulheres. Quem apresentou (*a minuta*) foi a deputada Íris Tavares, e tinha um deputado – que eu não vou citar o nome, mas quem é do movimento (LGBTT) sabe o deputado que foi – e ele partiu *pra* cima da deputada Íris *pra* agredi-la, não conseguiu, mas pegou em mim (*a agressão*), me humilhou lá dentro do plenário da Casa... Muitas vezes a gente sofre preconceito, discriminação, a gente sofre emocionalmente por estar ali dentro, tentando lutar por uma única coisa: a igualdade de direitos, que, infelizmente, nem todos, nem todos (*repete duas vezes para dar ênfase*) os legisladores, sejam estaduais ou municipais, já entenderam o que é. Nós, antigamente, tínhamos 37 direitos civis que eram negados à população LGBTT (*dentre eles, não poder casar, não poder adotar filhos e não poder somar renda para alugar imóveis com parceiro ou parceira de mesmo sexo*). Hoje, nós ainda temos 20 e poucos direitos que são dados à população heterossexual e que a nós, que somos lésbicas, gay, bissexuais, travestis e transexuais, são negados.

Alissa – Como é que você driblava esse preconceito nos seus ambientes de trabalho? Como você fazia isso?

Andrea – (*pequeno silêncio e suspiro*)... Com aquelas pessoas que nos apoiam e que nos entendem. Graças a Deus, em todos os lugares que eu já trabalhei, em todos os momentos da minha vida, eu sempre tive – e acho que eu sempre vou ter – aquelas pessoas que me entendem e aquelas pessoas que são contra, que estão ali para fazer com que as coisas não andem. A força e a garra que eu tinha eram daquelas pessoas que sempre estavam ali *pra* dizer: “Amiga, levanta a cabeça, não é assim, vai dar certo”. Quando vinha uma pessoa e me barrava, já tinha outra lá na frente que destravava o processo. É por isso que eu digo: hoje, nós temos uma rede em nível de estado, de município, de pessoas públicas que são favoráveis à defesa da livre orientação sexual e contribuem muito para a luta dos Direitos Humanos da população LGBTT. Muitas vezes, quando a gente tá ali sem enxergar a luz no final do túnel, essas pessoas chegam, na hora certa, e dizem: “Andrea, é por aqui, eu vou te ajudar aqui, eu vou falar com uma pessoa ali” e as coisas funcionam.

Beatriz – Agora falando um pouquinho da sua entrada na Secretaria do Trabalho e do Desenvolvimento Social (STDS). Você entrou por convite do então deputado (*estadua-*) Artur Bruno e do então chefe do gabinete do Governo do Estado, Ivo Gomes. Por que

Quase todos os dias, a equipe de produção ligava para a Coordenadoria Estadual. Um dia, antes de Ed se apresentar a quem havia atendido o telefone, Júnior, outro assessor do órgão, brincou: “Oi, Ed! Já te reconheço só pela voz, de tanto tu ligar!”.

A pré-entrevista com Laércio ficou marcada para o mesmo dia em que ocorreu a de Dimas, poucas horas depois. A de Laércio seria no bairro Joaquim Távora. Já a de Dimas foi no Carlito Pamplona. Ou seja, Ed adquiriu em um dia o poder do teletransporte.

Foi quando Ed e Murilo descobriram que ela estava em um momento de transição: deixava a Coordenadoria de Políticas Públicas LGBTT do Governo do Estado para assumir a Coordenadoria da Diversidade Sexual da Prefeitura de Fortaleza.

“Nossa, como é que pode? A deputada tem um assessor que usa calça de linho preto e um mule vermelho?(...)Uma assessora que usa salto alto e gravata?”

you acha que eles optaram por convidar you para essa secretaria específica?

Andrea – *(Andrea interrompe a pergunta para dizer, em tom de humor, que os entrevistadores estão bem informados. Ao fim da pergunta, faz silêncio seguido de um riso discreto.)* Tanto o deputado *(estadual)* Ivo Gomes como o deputado *(hoje federal)* Artur Bruno eram deputados estaduais na mesma época que a deputada Íris era, e os dois sempre foram muito elegantes, dedicados e atenciosos às minhas demandas. Às vezes, eu tinha de dar entrada em um requerimento e a deputada Íris não estava ali *pra* assinar, o deputado Ivo assinava. Às vezes, tinha uma audiência para a qual não ia dar tempo a deputada Íris solicitar a cota *(de participação)* dela ou já tinha esgotado – porque os parlamentares eles têm cota de eventos, de audiência – e o deputado Ivo ou o deputado Artur Bruno sempre estavam ali para me dar um apoio de parlamentar. Esses apoios são muito importantes para que as coisas possam acontecer. E não só a questão de apoio, mas também de compreender a causa *(LGBTT)*.

Então, nós fomos nos aproximando muito politicamente, e o prefeito Cid Gomes se torna governador do Estado do Ceará *(Cid foi prefeito de Sobral, no interior do Ceará, de 1997 a 2004, e em 2006 venceu, pela primeira vez, a eleição para governador)*. O governador assume, o deputado Artur Bruno é convidado para ser secretário do Trabalho e Desenvolvimento Social na época *(em 2007)*, vai para a STDS e me nomeia como assessora especial de Políticas Públicas para LGBTT do Governo do Estado do Ceará *(Andrea exerceu essa função na STDS)*. A gente começa a pensar e a montar um esboço de uma política pública voltada para a população LGBTT no Estado do Ceará. O deputado Artur Bruno, por questões pessoais, abdica

(ainda em 2007) e retorna *pra* Assembleia Legislativa. Quando ele retorna, o deputado Ivo *(então chefe de gabinete do Governo do Estado do Ceará)* me convida a permanecer como assessora de Políticas Públicas LGBTT de 2007 a 2010.

Em 2010, o governador Cid Gomes cria as coordenadorias *(especiais de políticas públicas)*: a Coordenadoria da Mulher *(Cepam)*, a Coordenadoria do Idoso e das Pessoas com Deficiência *(Copid)*, a Coordenadoria da Igualdade Racial *(CEPIR)*, a Coordenadoria de Direitos Humanos *(COPDH)* e transforma a Assessoria de Políticas Públicas LGBTT em uma Coordenadoria Estadual de Políticas Públicas para LGBTT. E o secretário *(chefe de gabinete)* Ivo me convida a assumir a Coordenadoria *(Estadual)* de Políticas Públicas LGBTT.

Beatriz – Andrea, me diz uma coisa: o que é que significou *pra* você, na época, e o que significa hoje ainda ser a primeira transexual a assumir um cargo no Governo do Estado do Ceará?

Andrea – Significou, *pra* mim, uma coisa muito bacana, uma coisa muito boa, um reconhecimento das autoridades ao meu trabalho, um reconhecimento do poder estadual a um projeto que eu pensei. Uma das coisas com que eu fiquei muito feliz foi a questão do reconhecimento daquilo que eu tinha planejado e do meu reconhecimento como pessoa. Poxa, sabe? Uma transexual, *tá* entendendo? Lá de Palmácia *(cidade serrana do interior cearense em que Andrea cresceu)*, que foi criada na serra, que sofre preconceito, discriminação, estar hoje num posto desse, no Governo do Estado, assumindo uma coordenadoria... Eu fiquei muito feliz!

Larissa – Quais são as principais conquistas que você considera ter adquirido ao longo da *(sua atuação na)* coordenadoria para a população *(LGBTT)*?

Andrea – Eu acho que só a criação da Coordenadoria *(de Políticas Públicas LGBTT do Estado do Ceará)* já é uma conquista enorme. Você ter, dentro do organograma institucional do Governo do Estado uma Coordenadoria *(interrompe o pensamento)*... Porque quando eu estiver velha, caduca, e *(ouvir)* o pessoal *(comentando)*: “Olha, a Coordenadoria, todo mundo nas cores do arco-íris, todo mundo perfeito!”, *(eu vou pensar)*: “Ah, que bom! Ô, meu Deus, fui eu quem pensou naquela Coordenadoria, foi eu quem elaborou o projeto de como deveria ser, como deveria funcionar, o que ela iria atender...”. Então, num estado como o nosso, machista, preconceituoso, homofóbico, conservador, nós termos, pela primeira vez – gente, isso é importantíssimo! *(fala com o tom de voz*

Ed e Murilo decidiram que seria melhor começarem as pré-entrevistas com os amigos de Andrea: o próprio Laércio e Mônica Gondim.

mais agudo para dar ênfase) – na história do Ceará, uma Coordenadoria Estadual com dotação orçamentária, com dinheiro *pra* fazer política pública *pra* lésbica, gay, bissexual, travesti e transexual? Eu acho que uma das minhas grandes conquistas foi ter conseguido sensibilizar o governador Cid Gomes *pra* criação da Coordenadoria Estadual de Políticas Públicas para LGBTTT.

Outra conquista foi a Resolução Nº 437/2012 do Conselho Estadual de Educação que garante o uso do nome social adotado por travestis e transexuais dentro da escola e das universidades. Acho que outra conquista foi o programa “Criando Oportunidades”, em que nós criamos (*cursos específicos para LGBTTT*) na nossa gestão juntamente com a Coordenadoria de Promoção do Trabalho e Renda da Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social. São cursos de qualificação profissional voltados para populações vulnerabilizadas, então, a população LGBTTT participa. São cursos de Cabeleireiro, Corte e Costura, Webdesign, Estilismo e Moda, Recepção, Turismo... E audiências públicas (*voltadas para a população LGBTTT*), né?

Hoje, também, por exemplo, nós não temos somente a Coordenadoria Estadual e nem somente a Coordenadoria Municipal de Diversidade Sexual da Prefeitura de Fortaleza. Hoje, nós temos Coordenadoria LGBTTT em Maracanaú, Pacatuba, Iguatu, Itapipoca, vamos ter, agora, em Camocim (*municípios do interior do Ceará*), e tudo isso foi articulação de quem? Da Coordenadoria (*Estadual*) LGBTTT. Nós sensibilizamos os prefeitos e as prefeitas para a instituição de uma política de fato e de direito para a população LGBTTT. Nós temos, hoje, no Estado do Ceará, 184 municípios. Dos 184, nós temos cinco coordenadorias (*municipais*) que não existiam antes da Coordenadoria Estadual LGBTTT, antes do governo Cid Gomes. E por que esses cinco municípios hoje têm política pública *pra* LGBTTT? Porque a Coordenadoria (*Estadual*) foi lá, porque teve uma atuação nossa. Isso é ganho e vai *pra* vida toda. Isso não é ganho só *pra* Andrea. É uma conquista para o movimento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais do Estado do Ceará como um todo.

Ed – Andrea, como você sabe, a equipe de produção falou com o Grupo de Resistência Asa Branca (*Grab*), que é uma das organizações não-governamentais (*ONG's*) mais importantes do movimento LGBTTT aqui do Ceará, e perguntamos como é que eles avaliam a sua gestão (*na Coordenadoria Estadual LGBTTT*). Os líderes do *Grab* falaram que um dos pontos positivos seria a sua atuação no Legislativo, na criação, por exemplo, da



semana do Luiz Palhano Loiola (*semana da diversidade sexual do Estado do Ceará, que acontece no mês de julho*). Em relação aos pontos negativos, eles apontaram a falta de diálogo entre a Coordenadoria LGBTTT do Estado e os movimentos sociais e a falta de um plano estadual LGBTTT de políticas públicas, de Centros de Referências estaduais, como o Centro de Referência Municipal Janaína Dutra (*criado em 2010 pela Prefeitura de Fortaleza*) Eu queria saber, de você, como era a relação da Coordenadoria Estadual com essas *ONG's* do movimento?

Andrea – Primeiro que eu nunca fugi de nenhum debate, de nenhum diálogo com o movimento social LGBTTT. Pelo contrário: eu tenho o maior respeito, o maior carinho, a maior admiração, o maior cuidado e zelo com as lideranças do movimento LGBTTT do Estado do Ceará e, graças a Deus, hoje, ele está organizado. Quando eu assumi a Assessoria (*de Políticas Públicas*) LGBTTT em 2007, até a criação da Coordenadoria em 2010, nós não tínhamos, ainda, um movimento LGBTTT, no interior do Estado, organizado. Foi a Coordenadoria Estadual de Políticas Públicas para LGBTTT do Governo do Estado que contribuiu para a organização social do movimento LGBTTT do interior do Estado. Hoje, nós temos vários grupos organizados, várias lideranças, associações oficializadas que foram criadas através do apoio da Coordenadoria (*Estadual*). Quando a Coordenadoria LGBTTT foi criada, foi pensada mesmo em atender ao interior do Estado, pois com relação à capital nós ficamos um pouco mais tranquilos e tranquilas. Por quê? Porque na capital se tinha uma Coordenadoria Municipal de Di-

Ed empalideceu: “É que a entrevista mesmo está marcada *pro* dia 5”. Laércio aconselhou falar diretamente com Andrea.

A partir daí a equipe de produção passou a ligar constantemente para Andrea. Seja durante reuniões, ou mesmo durante o almoço, Andrea sempre atendia de forma simpática e extrovertida. Porém, continuava sem tempo para a pré-entrevista.

Durante a pré-entrevista, Laércio relembrou o início da amizade com Andrea e o processo de criação da Coordenadoria Estadual, que acompanhou como assessor dela. "Além de minha chefe, eu tenho ela hoje como uma pessoa da minha família, uma irmã".

"Vocês não queiram imaginar o que eu escutava (...) de alguns deputados estaduais quando se referiam à população LGBTT, quando se referiam a mim"

versidade Sexual (*criada em 2005, no início da gestão Luizianne Lins*) que já atendia às entidades da capital. Nós estávamos preocupados – e creio que esse seja o pensamento do coordenador atual, o Laércio (*após a mudança de Andrea para a prefeitura de Fortaleza, no começo de 2013, Laércio Teixeira, seu ex-assessor, assumiu a Coordenadoria Estadual de Políticas Públicas LGBTT*) – com os homossexuais que estão lá onde não chega a informação (*sobre direitos LGBTT*)... A preocupação da Coordenadoria Estadual era mais com o interior do Estado e não muito com a capital. Nunca foi por descaso, mas pelo reconhecimento do trabalho da Coordenadoria Municipal de Diversidade Sexual que existia e existe em Fortaleza.

Sobre o que eles (*o Grab*) se referem ao Plano Estadual de Políticas Públicas LGBTT, ele está sendo pensado, mas um plano não se faz da noite *pro dia*. Não é em dois anos que se faz um Plano Estadual de Direitos Humanos *pra* população LGBTT. Precisa-se de articulação, de empenho para realizar um plano. Então, esse Plano Estadual de Políticas Públicas LGBTT ainda está em andamento, em fase de diálogo. Inclusive, vai começar o período de diálogo com o próprio movimento não só o local, mas também do interior do Estado, *pra* institucionalização e criação do Plano.

Sobre essa questão de ausência de diálogo (*retoma o pensamento anterior sobre o diálogo da Coordenadoria com o movimento social LGBTT*), o que eu quero colocar é que nunca eu me ausentei ou fugi de qualquer diálogo. Nós sempre estivemos e continuaremos prontos *pra* qualquer diálogo sensível, qualquer diálogo necessário para a construção de políticas públicas para a população LGBTT. Em nenhum momento nós deixamos de ter essa preocupação com o movimento. Agora, claro, as pessoas têm os seus pensamentos, as suas opiniões, as suas

críticas, construtivas ou não, e a gente respeita o pensamento das pessoas.

Beatriz – Andrea, você falou, agora há pouco, que um plano de políticas públicas não se cria da noite *pro dia*, e a gente sabe que há poucos meses foi criado o (*Plano de Políticas Públicas LGBTT*) Municipal. O que falta ainda para o Estadual ser lançado e ser institucionalizado?

Andrea – O Plano Estadual precisa que a gente possa construir um diálogo com o movimento social LGBTT. O movimento social por completo, não só o de Fortaleza, mas o de todos os municípios do interior do Estado do Ceará. Eu entendo, como gestora, que um plano (*também*) não pode ser construído só de ações. Um plano precisa de orçamento para que ele possa ser posto em prática, vocês concordam comigo? Orçamento é dinheiro (*esfrega o indicador e o polegar simbolizando dinheiro*). Neste momento, por que ele não foi iniciado? Porque nós estamos em uma fase de diálogo e conversação com todas as setoriais de governo. Em todas as secretarias de Governo do Estado (*do Ceará*), nós estamos apresentando aos secretários o último relatório da II Conferência Estadual de Políticas Públicas para LGBTT (*evento promovido em 2011 que reuniu representantes do governo e da sociedade civil para discutir as necessidades da população LGBTT em diversas áreas*), que foi realizada por nós na época em que eu era coordenadora (*estadual*), para que os secretários possam ficar a par dessas demandas, dessas reivindicações, e para que a gente possa iniciar o processo de construção do Plano Estadual de Políticas Públicas LGBTT.

Agora, uma coisa que é importante ser colocada também é que nós, na Coordenadoria (*Estadual*), não podemos realizar nem fazer nada sem uma prévia autorização ou consentimento do Gabinete do Governador (*Cid Gomes*). Até porque o governador tem um cuidado muito grande no trato dessas questões de planos, de execução orçamentária, de planejamento e gestão. Nós estamos concluindo com as setoriais de governo (*a exposição de*) todas essas necessidades do movimento LGBTT para que a gente possa iniciar o processo de construção, coletivamente entre poder público e sociedade civil, do Plano Estadual de Promoção da Cidadania LGBTT do Estado do Ceará.

Camila – Andrea, você está agora assumindo uma coordenadoria que, de acordo com o pessoal do Grab, já tem algumas ações que caminharam mais do que a Coordenadoria Estadual. Você se sente preparada para assumir essa nova coordenadoria, sabendo que ela, pelo próprio movimento, é

Laércio também comentou que Andrea continuava superocupada e, provavelmente, só estaria livre depois do dia 20 de fevereiro, após o Carnaval.

um pouco mais bem avaliada do que a que você estava dirigindo primeiramente?

Andrea – Eu me sinto preparada, sim. Como eu coloquei bem no início, eu sou uma mulher muito efervescente e eu adoro desafios. É lógico que são realidades diferentes, são momentos diferentes e são, muitas vezes, projetos diferentes. Mas esses projetos vão caminhar incansavelmente (*fala de forma pausada*) para o bom desenvolvimento das políticas públicas para a população LGBTT.

Quando souberam que eu ia ser a nova coordenadora municipal, estava um espanto: “Roberto Cláudio vai acabar com a Coordenadoria de Diversidade Sexual da Prefeitura de Fortaleza! Não vai ter mais Parada pela Diversidade Sexual, porque o prefeito vai acabar!”. Inventaram um monte de história, que não tem nada a ver uma com a outra (*Andrea se refere ao momento de transição, em 2012, entre o governo da ex-prefeita Luizianne Lins e o do atual prefeito Roberto Cláudio, em que surgiram dúvidas quanto à manutenção de políticas públicas da gestão passada*). E na primeira fala que fiz oficialmente, quando a imprensa soube que eu ia ser a nova coordenadora municipal, o que foi que eu disse? “Não haverá retrocesso nos Direitos Humanos. Não haverá retrocessos nos Direitos Humanos para a população LGBTT” (*repete com ênfase*). O que era bom, nós vamos melhorar. O que era ótimo, nós vamos aperfeiçoar. E o que não existia, que é necessário, nós vamos criar e implantar. É esse o pensamento.

Você me perguntou: “Andrea, você se sente preparada?”. Porque são muitas ações na Coordenadoria Municipal, diferentemente da Estadual. Mas nós temos de entender uma coisa: Faz 15 dias que assumi a Coordenadoria Municipal – e o Ed já foi lá (*risos de todos*)... – Há 14 dias eu era a coordenadora estadual de Políticas Públicas para LGBTT. Eu pensava a política. Eu dizia como é que a política era para ser desenvolvida. Então, muitas coisas (*interrompe o pensamento*)...

Você fala assim: “Andrea, mas não tem a questão da Coordenadoria (*Estadual que*) ficou só nas legislações?” (*remete ao posicionamento do Grab em relação à gestão de Andrea no Estado*). Mas esse é o papel da Coordenadoria Estadual. É pensar legislações mesmo. É criar leis estaduais que possam punir e vetar qualquer tipo de preconceito e discriminação.

(*Retoma o pensamento anterior*) O Estado não pode executar (*pelos prefeituras dos municípios*). O Estado orienta a política. A Coordenadoria Estadual estava ali *pra* dizer, resumidamente, como é que era para as

pessoas trabalharem nos municípios (*as políticas públicas LGBTT*). A mesma coisa das creches. Hoje, a competência das creches, de quem é? É do Estado ou do Município? Do Município. Hoje, as políticas de ponta da assistência social, quem executa? É o Estado ou o Município? O Município! Da mesma forma, a política pública LGBTT quem executa são os municípios, não é o Estado.

É lógico, evidente, que a Coordenadoria Municipal vai ter mais ações, mais projetos, mais novidades do que a Coordenadoria Estadual! Claro e evidente, porque na Estadual eu não posso executar (*pelos prefeituras*), eu não posso fazer acontecer. Eu só posso dizer, eu só posso orientar, eu só posso sugerir. “Prefeita, faça assim. Prefeito, faça assado. Secretário, desenvolva dessa forma”. Eu não posso pegar a estrutura do Governo do Estado, chegar aos municípios e criar “Dia Deste”, “Dia Daquele”, “Semana Dessa”, “Semana Daquela”, “Festival Disso”, “Festival Daquilo” (*Andrea se refere à criação de datas e eventos em alusão ao movimento LGBTT, como o dia 29 de janeiro, Dia da Visibilidade Trans em Fortaleza, e a Semana Luiz Palhano Loiola, no final de junho, em que é comemorada a diversidade sexual no Ceará*). Eu não posso! Porque o Estado não executa, o Estado acompanha a política, pensa a política (*ênfata*). É nesse sentindo que nós pensamos.

Na Coordenadoria Estadual LGBTT, nós pensamos a política pública para a cidadania da população LGBTT. Nós ensinávamos os municípios a fazer o trabalho de casa. Agora (*na Coordenadoria Municipal*) é diferente, eu



A conversa com Pedrosa foi na própria sede do Grab, no bairro Itaperi. Ao chegar, Ed foi bem recebido pelos colaboradores da ONG e sentiu o clima de descontração que há no local.

Já Mônica Gondim, amiga e assessora de planejamento da Secretaria do Trabalho e do Desenvolvimento Social (STDS), contou na pré-entrevista que Andrea sofreu bastante preconceito ao entrar na secretaria, da qual a Coordenadoria Estadual faz parte.



“Eu nunca me vi como gay, eu nunca me vi como travesti. Eu sempre me vi como uma mulher. (...) Depois é que eu fui entender que realmente eu era uma mulher transexual”

Enquanto isso, a equipe de produção também entrou em contato com Francisco Pedrosa, presidente do Grupo de Resistência Asa Branca (Grab), uma das organizações não-governamentais (ONG) LGBTT de maior importância no Ceará.

tô indo fazer o trabalho de casa. Tudo o que eu disse lá trás *pra* ser feito, agora eu tô botando a mão na massa e vou cumprir o que eu estava orientando os municípios a fazer. Só para esclarecer porque que tem menos ações (a *Coordenadoria Estadual*), porque que a *Coordenadoria Municipal* tem mais ações.

O Centro de Referência (*Estadual*)? Importantíssimo! Im-por-tan-tís-si-mo (*pronuncia sílaba por sílaba*) o Centro de Referência! Agora, eles (*refere-se ao Grab*) esqueceram de colocar que a Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República tem um direcionamento, da ministra Maria do Rosário, de não mais instalar equipamentos diferenciados, ou seja, “Centro de Referência para o Idoso”, “Centro de Referência para a Criança e o Adolescente”, “Centro de Referência para Pessoas com Deficiência”... A política qual é agora? Que se tenha um centro de referência só para atender todas as populações (*o direcionamento que Andrea cita foi dado pela ministra Maria do Rosário a partir de 2011, quando assumiu o cargo federal*). Na hora que eu, querendo ou não, crio centros, casinhas específicas, às vezes eu os enfraqueço, porque aquele centro de referência precisa de advogado, de psicólogo, de assistente social e, às vezes, a estrutura financeira, a estrutura organizacional das secretarias dos órgãos do governo não comporta.

O Centro de Referência é uma demanda da *Coordenadoria (Estadual)*, nós demandamos isso ao governador. A gente demandou ao Gabinete, e eles pediram: “Não, espera um pouquinho, aguarda um pouquinho”. E hoje – eu não sei se vocês estão sabendo – vai ser lançado o primeiro Centro de Referência de Direitos Humanos do Governo do Estado do Ceará (*segundo Andrea, o Centro já está pronto, aguarda apenas algumas instalações, como na parte elétrica e na de informática*). Vai ser até ali na Parangaba (*um bairro de Fortaleza*), e lá vão ser atendidas todas as populações: movimento negro, pessoa com

“Nós sensibilizamos os prefeitos e as prefeitas para a instituição de uma política de fato e de direito para a população LGBTT”

O objetivo era conhecer a opinião do Grab, como movimento social, sobre a atuação de Andrea à frente da *Coordenadoria Estadual*.

deficiência, LGBTT, criança e adolescente. A gente vai ter um centro de referência, sim, mas nós não vamos ter um específico (*para a população LGBTT no estado*). Nós estamos seguindo uma orientação da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República. Por isso que é bom a gente esclarecer as coisas *pra* poder entendê-las. Porque, às vezes, acham: “Não tem um Centro de Referência Estadual (*LGBTT*) porque a Andrea não criou”. Não é a Andrea que não criou. É porque a orientação, a metodologia sugerida pelas autoridades é diferente, muitas vezes, do que a Andrea pensa.

E tem uma coisa que aprendi, quando eu entrei para o serviço público, que levo *pra* minha vida toda. Diz assim, ó: “Aos técnicos, cabe dar o parecer. A prerrogativa é de quem governa”. Vocês entenderam o que eu quis dizer? Eu, como coordenadora, posso dizer o que é para ser feito. Mas quem governa é que tem a prerrogativa de pegar a caneta, assinar (*gesticula como se estivesse com uma caneta na mão*) e dizer: “Tá feito”. A mim, sempre cabe dar o parecer, e esse parecer sempre será favorável ao movimento LGBTT. Mas a última decisão nem sempre é da Andrea Rossati. Existem pessoas acima de mim que decidem.

Murilo – Andrea, só *pra* gente encerrar esse primeiro bloco (*sobre a participação política de Andrea*), você mesma falou que agora está à frente da *Coordenadoria Municipal* e há muita coisa a ser criada. O que ainda falta?

Andrea – Surpresa, não posso falar (*diz com olhar maroto e ri*)! Não, nós estamos finalizando um diagnóstico da *Coordenadoria*. Eu assumi há 15 dias a *Coordenadoria Municipal*, recebi todos os documentos, as planilhas, os projetos, as ações que eram desenvolvidas pela antiga gestão, e eu estou preparando um diagnóstico para apresentar ao nosso prefeito Roberto Cláudio, fofo demais (*risos*), sobre o que a gente pensa em trabalhar com a promoção da cidadania da população LGBTT. Mas é surpresa, eu não posso falar nada, senão o meu chefe vai brigar comigo, ele tem de saber primeiro. Desculpa porque eu sou muita extrovertida, é *pra* a gente quebrar o gelo um pouquinho, né (*risos*)?

Ed – Andrea, você ainda sente o desejo de se candidatar a um cargo eletivo (*Andrea contou a Ed, em entrevista em 2011, que tinha o “sonho de estar no parlamento, seja no legislativo municipal, seja no estadual”*)?

Andrea – (*Dá uma gargalhada cadenciada*) Ai, meu Deus. Como é (*risos de todos*)?

Ed – (*Repete a pergunta*) Você sente o desejo de tentar se candidatar como deputada

estadual ou vereadora?

Andrea – Sinto. Sinto o desejo. Vocês acham que dá certo?

Todos – (*Em tom de riso*) É isso o que a gente quer saber. Você acha que dá certo?

Andrea – Não, eu que fiz a pergunta (*primeiro*) a vocês! Não, vou só dizer que eu sinto esse desejo. Só isso que eu vou responder, tá bom?

Ed – Então, tá, tudo bem. Andrea, já falamos muito da Andrea como política e agora a gente queria saber um pouco mais da Andrea como mulher. Eu vou começar a falar da sua mãe, a dona Angelita...

Andrea – (*Interrompendo*)... Ah, meu Deus, já vai fazer eu chorar (*risos de todos*).

Ed – (*Continuando*)... Na pré-entrevista, você caracterizou a dona Angelita como uma mulher revolucionária, muito envolvida nas causas sociais, que lutava pelo coletivo de Palmácia. A mãe, para uma filha, sempre caracteriza o maior exemplo de feminilidade. É com a mãe que a filha descobre o que a sociedade quer de uma pessoa que é mulher. Como é que a personalidade da sua mãe ajudou você construir a sua própria personalidade?

Andrea – (*Repete a pergunta e reflete um pouco em silêncio*) Eu trago muito forte comigo algumas características da minha mãe. A minha mãe era uma pessoa muito efervescente, como eu (*risos*). Era um pouquinho mais light do que eu, eu já sou mais efervescente do que ela. Mas era uma mulher muito decidida, muito aguerrida, que não tinha medo de nada. Era uma mulher que lutava mesmo pelos seus ideais, que também não tinha meias palavras. Como eu lhe falei (*na pré-entrevista*), se fosse preciso ela juntar todas as costureiras da cidade para ir à frente da prefeitura reivindicar o porquê do salário (*delas*) estar atrasado, ela iria. Se ela tivesse de ir ao desembargador, ao juiz da cidade, reivindicar qualquer coisa, ela iria. Porque ela não pensava só nela, ela pensava na coletividade. Só *pra* vocês terem uma ideia – isso eu nunca contei *pra* ninguém –, a minha mãe eu acho que é madrinha de umas 46, 48, pessoas lá da minha cidade (*Palmácia*). Às vezes, tinha questão de crisma, de primeira comunhão... Uma vez o bispo ficou até assustado: “Valha, meu Deus, a mulher vai ser madrinha de 15 pessoas!”. Só *pra* vocês verem como a minha mãe era querida. Ela era querida porque tinha, querendo ou não, uma presença muito forte no bairro, na cidade onde eu cresci (*Palmácia*).

Eu carrego muito isso da minha mãe, essa determinação de lutar pelo o que é justo, de lutar pelo o que é correto, de lutar pelo o que é certo. Se eu estiver certa, não tem ninguém



no mundo quem pegue na minha munheca, porque eu enfrento quem tiver de enfrentar. Se eu estiver na razão, se eu estiver com a certeza de que aquilo que eu tô fazendo é correto, eu não consigo medir esforços para lutar. E, gente, é incrível, é uma coisa que eu não consigo entender: (*para*) aquilo que é para os outros, parece que eu tenho mais força de lutar, com muito mais garra, mais vontade, mais desejo de conseguir, do que aquilo que for *pra* mim, vocês acreditam num negócio desse? Vou dar um exemplo: (*recebo*) uma multa de trânsito. Aí eu digo: “Não, tá errado, eu estava certa. Eu posso recorrer, mas não, vou recorrer não, deixa *pra* lá!”. Mas se for outra coisa de duas, três pessoas (*envolvidas*), que eu estou vendo que foi injustiça, aí parece que (*eu me transformo e*) aparece a Tempestade, do X-Men (*risos*): “Vamos para a luta e vamos resolver logo o problema!” (*em referência à super-heroína Tempestade, personagem da história em quadrinhos X-Men, série da Marvel Comics criada em 1963 pela dupla de norte-americanos Stan Lee e Jack Kirby*).

Então, eu trago muito da minha mãe isso, de lutar pela coletividade, pelo interesse das pessoas, de não tolerar injustiças, discriminações, preconceitos, de tratar o outro ser humano como você gostaria de ser tratada, de eu tratar você como eu gostaria que você me tratasse. Tinha uma pessoa, (*colega de trabalho na STDS*), que, quando eu passava por ela e dizia: “Oi, bom dia!”, a pessoa nunca respondia. Eu (*sempre dizendo*): “Oi, bom dia!”, todo dia, e a pessoa nunca respondia. Eu dava um sorriso, e a pessoa nunca respondia. Aí a pessoa (*um dia, disse a mim*): “Você não se cansa de me dar ‘bom dia’ toda vida, não? Você não se tocou que eu não

A resposta de Ronaldo o deixou mais apreensivo: “Vamos fazer a reunião de pauta com o que temos. Quanto a adiar as datas, não posso de maneira nenhuma. (...) Portanto, ou a entrevista se realiza no dia cinco ou não acontecerá”. Ed engoliu em seco.

A dupla de produção só conseguiu conversar pessoalmente com Andrea na tarde da véspera da reunião de pauta. Baseado na pré-entrevista com ela, Ed e Murilo forneceram as últimas informações ao grupo apenas na noite do dia anterior.

No final do mês, o tempo de Andrea se tornava cada vez mais escasso. O motivo, além da transição, eram as comemorações que organizava para o Dia da Visibilidade Trans, na data 29 de janeiro. Era o seu primeiro evento à frente da Coordenadoria Municipal.

quero falar com você?”. Eu disse (*sorrindo*): “Bom dia, *pra* você!”, desse jeito (*risos*)! Aí, aos poucos, eu fui conquistando essa pessoa. Aos poucos, eu fui conquistando aquelas outras pessoas (*que me discriminavam*). Aquilo que é difícil de se contornar é aquilo que me dá mais interesse *pra* eu lutar.

Marcello – Você caracterizou o seu pai, o seu André, como sendo um homem rígido. Como era a relação com ele?

Murilo – (*Complementando*)... Durante a infância?

Andrea – Pouquinho, é, ele era (*um pouquinho rígido*). Ele ainda é, viu? A minha mãe, não. Sempre nós fomos muito, muito próximas uma a outra. O meu pai sempre foi um pouquinho mais rígido. Ele demorou um pouco mais a aceitar a questão da minha transexualidade. Ele via que eu era uma menina, que era uma mulher na frente dele, mas ele sempre ficava me chamando pelo meu nome de registro. Hoje, não, ele já avançou um pouquinho. Ele foi um pouco rígido, porque demorou mais para entender (*a minha identidade de gênero*). Eu sou a caçula, sabe? Eu sou a caçula, então ele esperava

meu Deus do Céu, tão cedo! Com 10 anos, 12 anos, eu já sabia que não era (*homem*). Ave Maria, eu amava, amava, amava, amava calçar os tamancos da minha avó, vestir uma camisa da minha mãe de malha, que ficava igual a um vestido, e botar a toalha da minha mãe na cabeça, para ficar igual a um cabelo e ficar (*cantando*): “Como uma deusa...”, música da Rosana, que eu adorava e adoro até hoje (*se refere à canção O Amor e O Poder, da cantora Rosana Fiengo, de 1987, que fez sucesso como trilha sonora de Mandala, novela da Rede Globo*). Eu ficava na frente do espelho, me sentindo a própria, a própria, a própria (*Rosana*) mesmo. Aquilo era, na época, muito difícil para a minha mãe, que estava no processo de entendimento ainda. Mas muito cedo eu já via que eu era mulher.

Eu comecei a usar umas roupas um pouco mais acochadas. Só que eu não era gay, eu sabia que eu não era gay. E eu não gostava que ninguém (*repete, dando ênfase*) se referisse a mim como gay. Em casa eu era calada, eu ficava na minha, mas lá fora, se me chamasse de gay, eu não gostava, eu era mulher (*ritmo a fala batendo na mesa com*



que o caçula fizesse tudo: casasse, tivesse filho, aquelas besteiradas. Aí, foi um pouquinho, foi só um pouquinho doloroso para ele poder me compreender como uma mulher transexual, que eu tinha uma identidade de gênero feminina, não uma identidade de gênero masculina, como ele queria que eu tivesse. Mas, aos poucos... Gente, onde existe amor, a gente consegue trabalhar, onde existe compreensão, a gente consegue trabalhar! Agora, claro, teve muitas confusões, teve muitos conflitos, teve muito *chororô*, principalmente da minha parte. Até que um dia, ele me abraçou, chorando, e disse que eu jamais deixaria de ser – vou falar com as palavras dele, *tá?* – “o filho que ele sempre amou”. A filha ou o filho, mas eu serei a pessoa que ele sempre vai amar da forma que eu sou. E se eu sou feliz assim, ele (*disse que*) também iria estar feliz, porque eu estaria feliz. Eu fico toda arrepiada!

Thamires – Em que momento você percebeu que o seu corpo não condizia com a sua personalidade feminina?

Andrea – Muito cedo, minha filha. *Ah,*

as mãos! As minhas amigas perguntavam: “Mulher, como é que tu é mulher se não tem o cabelo grande, se tu não tem nem silicone, não tem peito?”. *Ah*, eu ficava uma fera! Porque eu era mulher igual às meninas. Eu tinha o cabelo curtinho, porque minha mãe sempre mandava eu cortar o cabelo curtinho, só que eu tinha um franjão bem grande no olho, que ficava cobrindo esse olho direito e o lance era ficar só assim, jogando o cabelo (*aponta para o olho e demonstra como jogava o cabelo para trás*). A minha marca registrada era esse franjão que cobria o olho. Mas eu nunca me identifiquei como gay, eu nunca me identifiquei como travesti. Não é nem se identificar, eu nunca me vi como gay, eu nunca me vi como travesti (*ênfase*). Eu sempre me vi como uma mulher. Depois dos meus 18 anos, 19 anos, é que eu fui entender essa questão da transexualidade. Porque, se você chegasse *pra* mim com 15 anos e dissesse que eu era uma mulher, mas eu era uma mulher transexual, eu ia brigar com você também. Eu ia dizer: “Não, meu amor, eu sou mulher e pronto! Não sou negócio

Com a proximidade da reunião de pauta, a angústia na equipe de produção crescia mais e mais. Ainda havia informações que precisavam ser colhidas. Ed, então, decidiu mandar longos e-mails de desespero para Ronaldo.

de transexual, não" (*bate na mesa*). Depois é que eu fui entender que realmente eu era uma mulher transexual.

O dia mais feliz da minha vida foi quando eu comprei uma calça jeans acochada, de cintura baixa, bem fininha assim, *ó (estreita a distância entre os dedos)*. Calça jeans cintura baixa, acochada aqui na coxa, e a canela era assim boca de sino (*modelo de calça em que o tecido próximo ao tornozelo é mais largo*). Fina estampa! Eu adorei (*pronuncia pausadamente e enrolando a língua no erre*). Eu passei uma semana olhando *pra* calça (*e pensando*): "Eu visto ou não visto? Eu visto ou não visto? Ah, eu vou vestir!". Era show! Quando eu comecei a vestir, quase que eu não soltava mais (*risos*).

Alissa – Em algum momento você hesitou em aceitar sua identidade de gênero? Tentou agir como alguém com quem você não se identificava?

Andrea – Não, jamais, não tinha nem como, mulher! Não tinha nem como agir como outra pessoa. Eu sempre agi como mulher mesmo, sempre agi.

Thaís – Você tinha alguém com quem confidenciar as suas questões, suas dúvidas,

mada Caverna do Dragão, criada em 1983 e transmitida pela Rede Globo a partir da década de 1980). Era a linha romance. Eu sempre, sempre, sempre me identifiquei como mulher. Então, realmente, eu tive todo aquele período da adolescência de me apaixonar platonicamente. Morria de apaixonada pela pessoa, chorava igual Madalena arrependida, me entupia de chocolate dentro de casa, e a pessoa nunca sabia (*dá um tapa com as duas mãos*) que eu estava apaixonada. Porque era o medo do preconceito, o medo de tudo. Eu não tinha... Coragem de dizer: "Olha, eu te amo, eu quero ficar contigo". Mas todos os meus relacionamentos foram homoafetivos (*com homens*). Eu sempre me relacionei muito bem com os homens. O meu primeiro relacionamento foi maravilhoso (*repete, dando ênfase*), e eu só posso falar isso.

Ed – Vamos falar da sua saída de casa, aos 18 anos. Como foi? Por que você decidiu que era o momento de sair da casa dos seus pais?

Andrea – Eu queria viver a minha vida (*repete mais uma vez*). Existe aquele ditado que diz assim, *ó*: "Prova do meu pirão, prova do meu cinturão", não é verdade? Então, você

" O que era bom (*na Coordenadoria Municipal*) nós vamos melhorar. O que era ótimo, nós vamos aperfeiçoar. E o que não existia (...) nós vamos criar"

ainda nesse processo de descoberta?

Beatriz – É, porque você falou (*na pré-entrevista*) que com seus irmãos isso não era muito viável...

Andrea – É, não era. (*Pausa longa*) Tinha, mas eu não quero tocar neste assunto, tá? Porque mexe muito comigo.

Ed – Então, Andrea, já na puberdade, quando o corpo começa a mudar e quando realmente acontecem as primeiras relações amorosas, como foram suas primeiras relações? Você poderia nos contar um pouco?

Andrea – Tem certeza que quer saber disso (*risos*)? Ave Maria! Mas, assim, mais especificamente o quê?

Ed – Como era a sua relação com os meninos, por exemplo?

Andrea – (*Pausa*) Criatura, *ó*, a minha relação com os meninos... Ah, eu vou falar e vocês vão rir, é uó!

Beatriz – Não!

Andrea – Eu só queria ser a Sheila da Caverna do Dragão, com o lourinho lá (*se refere ao romance subentendido que havia entre os personagens Hank e Sheila, da série ani-*

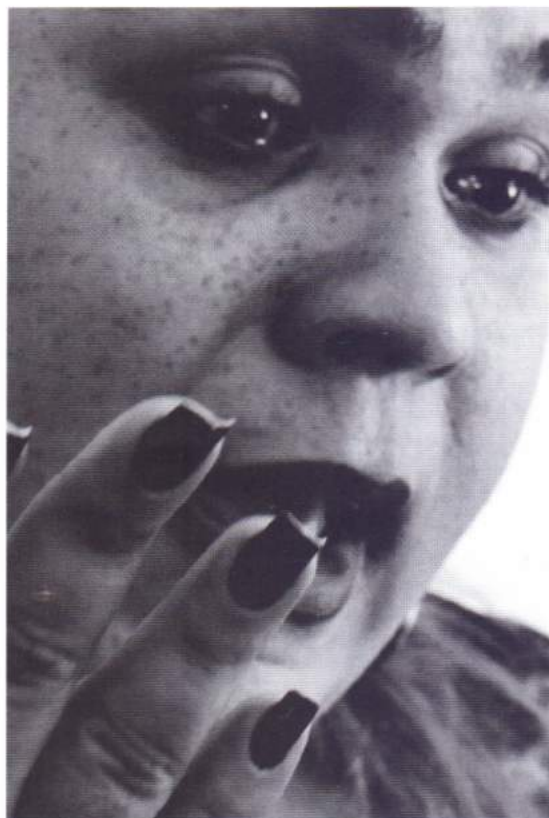
quer viver a sua vida tranquila, fazer tudo o que você quer, como todas as pessoas quando estão com seu trabalho, ter um cantinho *pra* ir? Pode rachar alguma coisa (*algum lugar para morar*)? Para mim, era o que eu esperava. Eu esperava fazer os meus 18 anos e viver a minha vida, porque eu sempre fui muito independente. Eu vendia *Brasil Postal*, eu vendia *Hermes*, aquelas revistas de pedido (*revistas-catálogo que trazem diversos tipos de produtos para serem vendidos*), e, inclusive, comprei a primeira calça jeans de mulher com dinheiro de comissão. Não foi meu pai nem minha mãe que me deu, não. Fui eu que comprei com a comissão (*das vendas*) das revistas (*diz orgulhosa*).

Eu queria ser eu, eu queria ser Andrea. Para eu ser eu, eu tinha de ir embora, de morar em outro lugar. Eu tinha de arranjar um emprego para eu viver a vida que eu queria, da forma que eu queria. Eu tinha de assumir a minha independência. Eu queria trabalhar, eu queria sair de casa, eu queria morar fora, arranjar um trabalho, *pra* eu poder viver (*como*) a Andrea. E a minha irmã ficou noiva

Ainda depois de iniciar a pré-entrevista, Andrea teve de interrompê-la, pois estava ajudando um casal homossexual que estava preste a ser expulso de casa por ter atrasado apenas um mês de aluguel.

Depois da pré-entrevista, Andrea ficou de pensar qual seria o melhor lugar para que a entrevista acontecesse. Dias depois, ficou acertado que seria no salão de festas do prédio onde ela mora.

A pré-entrevista com Andrea aconteceu na sede da Coordenadoria da Diversidade Sexual da Prefeitura de Fortaleza, no Parque das Crianças, no Centro da cidade.



(de um italiano) e foi embora para a Itália, entre os meus 16, 17 anos. Quando eu completei 18, ela me perguntou se eu queria ir para a Itália, passar um período lá (*em Roma*), e estudar italiano, na Escola Dante Alighieri (*Andrea se refere à Sociedade Dante Alighieri, instituição localizada em Roma que promove cursos de italiano a estrangeiros*). Olha, perguntou se o gato queria leite (*risos*)! Eu disse: "Claro, querida, eu quero é sair daqui!". A Europa, a Itália, meu Deus, era o meu sonho! Fui *pra* Itália. Era para eu passar só um ano, eu acabei passando – olha como eu sou danada – quase dois anos, dois anos e meio, uma coisa assim. Quando eu voltei da Itália, eu já voltei como Andrea Rossati...

Camila – (*Interrompendo*)... Por que você resolveu ficar mais tempo na Itália? O que aconteceu?

Andrea – Porque eu gostei de lá, eu me apaixonei lá. Eu arranjei um emprego, comecei a trabalhar... Estava estável. Eu não queria voltar para o Brasil. Eu só queria voltar para o Brasil quando eu pudesse ser eu mesma. *Pra* dizer: "Voltei. A Tieta do Agreste voltou!" (*em referência a protagonista do livro homônimo, de 1977, do escritor Jorge Amado, que não era aceita pela família e depois de anos retorna rica e poderosa para a terra natal*). E, quando eu voltei, eu voltei a nova Tieta mesmo. Eu era a Andrea Rossati já, a maioria das roupas eram todas femininas, o cabelo já estava crescidinho, um pouquinho. Eu fui para Palmácia visitar meus pais, visitar minha mãe. A minha mãe me recebeu de

Quando Ed e Murilo chegaram à Coordenadoria, Andrea estava ocupada com o trabalho e eles tiveram de esperar uma hora e vinte minutos para começarem a conversa com ela.

braços abertos, disse que eu não me preocupasse, que eu poderia viver a minha vida da forma que eu bem entendesse, aquela coisa toda. Mas eu não demorei muito em Palmácia, eu vim *pra* Fortaleza, porque em cidade pequena as pessoas falam muito, o preconceito é maior, e lá não tinha nada. Não tinha perspectiva de emprego, não tinha perspectiva de estudo. Vim para Fortaleza, porque eu queria trabalhar, queria me engajar. Foi aí que eu comecei mesmo a me engajar no movimento social LGBTTT, arranjei o primeiro emprego, que foi lá na (*Fundação*) Cepema, e vocês já sabem o restante da história.

Murilo – Andrea, voltando um pouco (*na sua trajetória*), quando você foi para a Itália, nos primeiros meses, você morou lá com a sua irmã. Porém, depois você acabou indo morar com uma amiga. Por que, naquele momento, você sentiu a necessidade de conseguir essa independência?

Andrea – Sabia que ia me perguntar isso aí (*risos*). Você já sabe a resposta, mas eu vou dizer (*Andrea já havia respondido pergunta semelhante na pré-entrevista*). Seguinte: quando eu estava morando com a minha irmã, a minha irmã estava casada, tinha meu cunhado e a família do meu cunhado. Então, eu não estava tão à vontade para viver a minha sexualidade. A minha irmã compreendia, mas o meu cunhado ainda não. Eu não poderia ficar com a minha irmã, porque ela não ia deixar de ficar com o marido *pra* ficar comigo. Eu disse: "Linda, muito obrigada, adoro você, amo você, gata, mas vou pegar o meu rumo (*bate com as duas mãos*) e, quem sabe, arranjar um príncipe igual ao seu *pra* mim". Fui embora, comecei a trabalhar e fui morar com uma amiga. Mas a gente (*Andrea e a irmã*) ficou se vendo sempre, se falando sempre. A gente tinha toda aquela fraternidade de irmãs que tinha antes. Mas eu morava com outra amiga, *pra* poder ter a liberdade de viver a minha sexualidade. Por quê? Porque, se eu ficasse morando com a minha irmã e com meu cunhado, a família ou ele poderia achar (*e ficar perguntando*): "Onde é que a Andrea tá? Tá andando com quem? Por que tá chegando tarde?". Parece, gente, que, quando o pai ou a mãe descobrem, ou a família, que você é gay ou é lésbica, começam as preocupações: "Será que o boletim tá azul? Será que tá tendo um bom desenvolvimento na escola? Será que vai passar no fim do ano na universidade?". Parece que, por você se autoafirmar como gay ou como lésbica, você vai perder aquelas qualidades que antes você tinha. Vocês já pararam *pra* pensar isso? E isso não é só eu que digo, não. Depoimentos de jovens homossexuais que são expulsos de casa, quan-

do se autoafirmam como homossexuais, que dizem pros pais, que dizem *pra* família. As famílias começam a pensar assim: “Agora é gay, é travesti, transexual, agora não vai prestar”. Não é bem assim. Então, para eu poder me sentir melhor passei a morar com uma colega minha lá na Itália e continuei no meu trabalho, mas a gente (*Andrea e a irmã*) se dava superbem. Eu, a minha irmã, o meu cunhado... Mas eu só ia como visita, não morava mais junto deles, até para poder evitar certos problemas, atrito de pensamentos ideológicos, etc.

Marcella – Como é que você conheceu a família Rossati lá na Itália?

Andrea – A família Rossati é a minha segunda família, porque é a família que me acolheu, que me deu... Eu acho que o meu primeiro emprego, Ed, não foi nem aqui (*em Fortaleza*), foi lá (*em Roma*). Meu primeiro emprego acho que não foi nem na Fundação Cepema, foi lá, no Bar Rossati, na Itália. (*Os Rossati*) foram a primeira família que me acolheu, que me tratou como filha, que me tratou como membro da família, e, por incrível que pareça, a família Rossati é a família do meu cunhado. Para você ver como é a vida, eu fui embora (*para a Itália*) com a minha irmã, mas a família do meu cunhado foi que se tornou a minha grande família. Essa família é muito cara *pra* mim, muito (*ênfatiza*) especial. Foi uma família muito importante em um dos momentos em que mais precisei, de começar a passar pelas primeiras dificuldades quando você descobre a sua verdadeira identidade de gênero e orientação sexual. E foi uma promessa (*que fiz*), quando eu fui embora da Itália: “Olha, a partir de hoje eu sou Andrea Rossati”. É o meu nome social, é o nome que eu vou colocar nos meus documentos também – porque eu *tô* num processo de mudança – e vai ficar Andrea Rossati. O restante vai ficar o sobrenome dos meus pais biológicos.

Alissa – Por que você acha que uma família com a qual você não tinha contato antes de ir *pra* Itália a acolheu melhor que a sua família biológica?

Andrea – (*Faz uma pausa e suspira*) Eu acho que, no caso, a minha família biológica, talvez, não sabia lidar ainda com a minha sexualidade, *né*? Tem até um ditadinho popular que diz assim: “Santo de casa não obra milagre”, só obram os santos de fora. Às vezes, *pra* quem está fora é mais fácil lidar com aquilo que é novo, com a situação, do que quem está dentro. A minha família, claro e evidentemente na época, não soube lidar com a questão, talvez por desconhecimento, talvez por medo. Com medo de eu ser discriminada, de eu ser desrespeitada, de

eu sofrer uma agressão física, porque você sabe que é assim. Muitas vezes o medo da mãe, o medo do pai, o medo da família não é porque você é homossexual, é lésbica. Mas é o medo de como a sociedade vai passar a lhe tratar, o medo de (*não saber*) como a sociedade vai lhe respeitar e conviver com você na rua. Porque a sociedade é preconceituosa, é machista, é conservadora, então, o medo da família era esse.

Nesse momento, eu acho que a família Rossati soube me acolher mais porque estava de fora da questão. E por ser também (*da Itália*), um país de primeiro mundo, com pessoas, talvez, com uma mente mais aberta, mais moderna. Diferentemente de uma família do interior do Ceará (*Andrea refere-se à própria família*), de 15 filhos, cujos irmãos tinham três, quatro, cinco, seis namoradas. Então, vocês imaginam! E gente, vocês sabem que a cultura do interior já é diferente da nossa cultura da capital, vocês sabem disso. Vocês sabem hoje que é mais fácil uma pessoa daqui de Fortaleza tentar compreender a questão da homossexualidade, do que uma pessoa que mora lá no interior. Acho que foi mais fácil para a família Rossati me acolher, me amar, me respeitar, cuidar de mim, por estar fora da questão e por ter uma mente, naquele momento, mais aberta sobre a questão da sexualidade. E também não foi a família Rossati por inteiro. Foi o irmão do esposo da minha irmã, a cunhada dele e a sobrinha que foram as pessoas com quem eu convivi na Itália durante esse período em que morei lá.

Alissa – Você disse que a sua família biológica tinha medo de como a sociedade ia tratá-la. Você também tinha esse medo?

Andrea – Não, eu não tinha esse medo, porque eu já sabia que a sociedade ia me tratar com preconceito e discriminação. Eu sabia onde estava pisando. Eu só ficava pre-

“Eu trago muito da minha mãe isso, de lutar pela coletividade, pelo interesse das pessoas, de não tolerar injustiças, discriminações, preconceitos”

No decorrer da entrevista, Andrea foi interrompida duas vezes pelo assessor de imprensa, Marcos André, que esteve ao lado dela durante quase toda a conversa. Marcos a interrompeu por causa de pendências da Coordenadoria.

Com o fim da entrevista, veio a surpresa: Andrea havia encomendado salgadinhos e refrigerantes para toda a turma. Um grande alívio para quem sequer tinha almoçado naquele dia.

Andrea marcou a entrevista para 13h30. Alguns tiveram de se virar para saírem de seus estágios pela manhã e chegarem a tempo ao local. Marcella, por exemplo, almoçou no ônibus um pedaço de panetone dado por Beatriz em uma lata de goiabada.

ocupada do que viria pela frente. Agora, saber que eu ia ser discriminada, ser excluída, ser tratada como um nada, eu sabia que eu iria ser, eu já estava preparada *pra* isso, eu já esperava isso. A minha preocupação – não é medo – era como iria ser esse grau de preconceito, como era que viria essa avalanche. Eu sabia que ela viria, agora como viria, de que forma, eu não sabia. Então, eu ficava preocupada.

Camila – Andrea, e o que foi que mudou em você nos dois anos que passou na Itália?

Andrea – *Eita... (pausa)* Eu não acho que mudei, eu acho que eu adquiri mais ainda a vontade de ser feliz e de lutar pela a minha felicidade. Acho que o grande trunfo que trago da Itália é ter saído de lá com um único objetivo: lutar in-can-sa-vel-men-te (*fala sílaba por sílaba para dar ênfase*) pela minha felicidade. Ser feliz da forma como eu sou, mulher transexual. Acho que foi a vontade e o objetivo de lutar pela minha felicidade, de ser feliz, de não deixar ninguém ditar a minha felicidade, não deixar que ninguém dissesse como eu deveria viver ou como eu deveria me comportar. Eu saí da Itália com este único objetivo: ser feliz, lutar pela minha felicidade e mostrar para as pessoas que eu poderia ser feliz, mesmo tendo uma orientação sexual dita, dita (*repete duas vezes para frisar*) como diferente pela heteronormatividade (*em referência ao pensamento que estabelece a heterossexualidade como a norma "natural" a ser seguida pelos membros de uma sociedade*).

Camila – Por que você decidiu voltar para o Brasil?

Andrea – Eu decidi voltar porque eu queria estar próxima da minha mãe – a minha mãe me fazia muita falta –, de amigos, de alguns parentes que me faziam muita falta, e você estando no Brasil, na sua terra, tudo é mais fácil *pra* você do que estar do outro lado do mundo. Por mais que eu tivesse uma irmã lá, ela tinha a vida dela, tinha o casamento dela, tinha os filhos dela para cuidar. Sempre me faltava alguma coisa. Então, você estar no seu país, no seu estado, é muito diferente do que você estar em outra terra, em outras leis, em outras culturas. A Itália é linda, maravilhosa, a cultura italiana é perfeita, mas eu sentia muita falta. Eu sentia falta do Brasil, eu sentia falta do Ceará, das pessoas que gostam de mim, do calor humano do cearense, sabe? Da pegada cearense (*risos*) que não tinha lá fora. Então, eu resolvi voltar.

Ed – Andrea, a última pergunta: reavaliando a sua vida, como a gente pode perceber, você lutou muito para poder mostrar a Andrea Rossati. Depois de tudo isso, o que significa ser mulher para você hoje?

Andrea – (*Longa pausa para refletir*) O que significa ser mulher para mim hoje, né (*mais silêncio*)? Para mim, ser mulher hoje significa ter toda a determinação, toda a garra, toda a ousadia, toda a coragem e toda a efervescência (*risos*) que a Andrea Rossati tem. Acho que é isso. (...) Ah, eu trouxe uns salgadinhos *pra* vocês comerem. (*Todos riem*).

A maioria da turma chegou no horário combinado. Andrea, no entanto, chegou cerca de quinze minutos mais tarde, e a conversa só se iniciou meia hora depois do previsto. A entrevista, com tempo estipulado de duas horas, teria de ser feita em uma hora e meia.



Após a entrevista, Ed e Murilo, dupla de produção, tiveram de dedicar parte de seus Carnavais para transcrever a entrevista.

Na quarta feira de cinzas, a folia só estava começando. Os dois passariam os próximos dias imersos no processo de edição. As madrugadas se tornaram as melhores amigas (ou não).